



68 - DIVINO MARAVILHOSO

(Em torno do Tropicalismo ou a arte em torno da política)

1. Locais: Escola de Artes Visuais
- Espaço Cultural Sérgio Porto
Estação Botafogo (a confirmar)
2. Patrocínio: Fundação Rio, Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e Secretaria de Estado de Cultura/ Departamento de Estudos, Pesquisas e Patrimônio.
3. Curadores: Frederico Moraes/Alexandre Martins
Silvio Tandler/Sara Leguisamo
Chico Mendes
4. Duração: De 27 de agosto a 25 de setembro
5. Epígrafe

"Mais do que um movimento, o Tropicalismo foi uma explosão criativa, um momento de liberdade, foi uma festa que durou enquanto o regime pôde se mostrar um pouco mais liberal. Mas que não poderia permanecer por muito tempo (sob pena de perder o controle da situação), principalmente porque as forças liberadas pelo Tropicalismo tinham um conteúdo revolucionário evidente. Como, aliás, percebeu Hélio Oiticica: "Porque o mito da tropicalidade é muito mais do que araras e bananeiras: é a consciência de um não-condicionamento às estruturas estabelecidas, portanto, altamente revolucionárias na sua totalidade. Qualquer conformismo, seja, intelectual, social, existencial, escapa à sua ideia principal".

Sob este aspecto, o Tropicalismo pode ser visto como a explosão no artista, de um inconsciente político, após vários anos de repressão das atividades políticas. Parece-me altamente simbólico, a este respeito, a súbita presença da bandeira, sob várias formas, nas manifestações artísticas, especialmente aquelas levadas para a rua: "o poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia" (Geléia Geral/Torquato Gil), na esperança de novos acontecimentos, no Brasil e no Continente. É a vontade de erguer a bandeira por alguma causa nobre, patriótica, restauradora dos princípios da liberdade, sobretudo daquela "liberdade de ser", base de qualquer projeto de vanguarda. Algo semelhante se viu na comemoração popular do Tri-campeonato, quando, rompendo com todas as proibições legais, a bandeira nacional foi amplamente reformulada, as vezes com ousadia criativa.



"Se chegou realmente a existir um movimento tropicalista é assunto a ser pesquisado mais profundamente. Um movimento pressupõe a existência de uma plataforma, de um trabalho unificado de críticos e artistas, de uma apresentação regular e sistemática dos trabalhos. Nada disso, entretanto, se viu. Nenhum manifesto foi redigido, nenhuma exposição foi realizada para mostrar obras especificamente tropicalistas. O Tropicalismo foi mais um estado de espírito, como o Dada".

(Frederico Morais, "Artes Plásticas: a crise da hora atual", Ed. Paz e Terra, 1975)

6. Objetivo

Seria o de reunir em exposições e eventos simultâneos e integrados, os fragmentos do que teria sido o Tropicalismo e ensejar uma interpretação: um anti-movimento, uma forma de arte, o Dada nos Trópicos. A Escola de Artes Visuais e a Fundação Rio com a ajuda da Secretaria de Cultura do Município e outras instituições, apresentariam o material existente em estado bruto: pinturas, esculturas, objetos, instalações, textos, peças de teatro, filmes, músicas, publicidade, vestuário, moda, além de documentos, registros de comportamento, fotografias, jornais, etc, fornecendo possíveis roteiros de interpretação. E, através de seminários, conferências e cursos, seria promovida uma discussão sobre o que teria sido o Tropicalismo e, em sentido mais amplo, o que significaram os anos 60. Sempre oferecendo contrapontos no presente.

Não se pretende realizar um evento nostálgico ou mitificador de um movimento ou época, apesar de que este sentimento emergja com a apresentação das obras e documentos daquele período. Por isso será busca do um enfoque crítico e atualizador.

7. Exposições

Seriam realizadas duas exposições, a principal e maior delas na Escola de Artes Visuais (Parque Lage), reunindo obras de arte, documentos, vídeos, filmes, bandeiras, instalações, performances etc. Esta mostra tomará por base o ano de 1968, tendo, portanto, o sentido de uma comemoração, 20 anos depois, mas recuando ou avançando alguns anos, sempre que necessário. Assim, seriam feitas referências às mostras Nova Objetividade Brasileira (Tropicália, de Oiticica) e ao IV Salão de Arte Moderna de Brasília (Porco Empalhado, de Nelson Leirner), realizadas em 1967, a Arte no Aterro (Apocalipopótese: Oiticica, Rogério Duarte e Antônio Manoel), a mostra o Artista Brasileiro e a Iconografia de Massa, realizada na ESDI (Cara de Cavalo, de Oiticica, e Altar para Roberto Carlos, de Nelson Leirner), ao Festival de Bandeiras, RJ/SP, de 1968, ao evento Orgamurbana (Oiticica/Flamarión), 1970 e finalmente aos Domingos da Criação, promovidos pelo MAM/Rio em 1971. Ou seja, a mostra reuniria, no campo das artes plásticas, trabalhos de Hélio Oiticica, Carlos Vergara, Rubens Gerchman, Cláudio Tozzi, Nelson Leirner, Glauco Rodrigues, José Roberto Aguiar, Antonio Henrique Amaral.



Entre os documentos, referências à morte de Guevara e Edson Luiz, a passeata dos 100 mil, o Ato Institucional nº 5, os acontecimentos de maio e junho em Paris, a Revolução Cultural na China, o massacre de Tlatelolco, no México, o fim do sonho dos Beatles, os sequestros e a guerrilha urbana etc.

No Espaço Cultural Sérgio Porto seria apresentado um contraponto visual a 68, com uma interpretação do período feita por alguns artistas grantes da chamada Geração 80, entre outros, Luiz Zerbini, Hilton Berredo, Leonilson, Jorge Barrão, Ciro Cozzolino e os grupos Seis Mãos e Rádio Novela. A releitura do Tropicalismo de 68 pela Geração 80, seria uma das formas de trazer 68 para hoje, fornecendo subsídios para uma reflexão, ao invés de simplesmente estimular o saudosismo.

8. Outros eventos/aproximações

- Se 68 foi saturação e o ritmo de acontecimentos culturais e políticos era frenético, frenética deve ser a abordagem do tema, com o mundo acontecendo dentro da exposição através de mídias e estímulos diversos, de tal maneira que o espectador ou visitante se sinta não apenas recordando fatos, mas vivendo novamente aqueles acontecimentos. Assim, além da Escola de Artes Visuais e do Espaço Cultural Sérgio Porto, outros locais podem ser ocupados e mobilizados outros grupos e instituições.
- a - Na EAV e no ECSP seriam promovidas leituras de peças dos anos 60 - Oduvaldo Viana, José Celso Martinez Corrêa etc - sob a direção de Amir Haddad
 - b - No Cineclube Estação Botafogo, a rua Voluntários da Pátria, portanto, formando uma linha reta com o Parque Lage e o Espaço Cultural Sérgio Porto, seria programado um ciclo especial de filmes inéditos de Glauber Rocha e outros de Goddard, cinema underground etc, enquanto na Escola de Artes Visuais seriam projetados continuamente, em vídeo, os filmes de Joaquim Pedro de Andrade, "Macunaima", e Glauber Rocha, "Terra em Transe", parcialmente realizados ali.
 - c - Do animador de TV Abelardo Chacrinha, seriam exibidas suas fantasias (caso existam) ou tapes de seus programas, ao lado de tapes de publicidade da época.
 - d - Haveria mostras de Imprensa Alternativa, de fotojornalismo, feira de livros sobre os anos 60.
 - e - Seria estudada a possibilidade de se realizarem entrevistas - shows com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Sérgio Dias e Arnaldo Batista, entre outros, revivendo a Tropicália. Um bate-papo com o público, onde o artista faria uma revisão de sua obra daquele período. Poderia ser cobrado uma entrada como forma de custear as despesas com equipamento.
 - f - Seriam organizados seminários envolvendo, a cada noite, dois ou três especialistas na matéria ou participantes daqueles acontecimentos de 68, para abordar temas como humor, sexo, imprensa alternativa, política estudantil etc, além de duas ou três palestras, mais densas, visando uma leitura política e cultural daquele período.
 - g - Outra idéia seria organizar uma passeata tropicalista que cumpriria o roteiro Leblon/Parque Lage, com música tropicalista, a participação da Banda de Ipanema e seus sucessores Suvaco de Cristo e Simpatia é



Quase Amor, fantasias de Chacrinha, engolidores de fogo, performers, passistas vestindo Parangolês de Oiticica, faixas de protesto etc. Com a chegada da passeata à Escola de Artes Visuais, num sábado à tarde, as bandeiras seriam instaladas junto ao terraço, circundando a piscina onde foi realizada a grande feijoada do filme Macunaima e ali ficariam até o final da mostra.

9 - Catálogo e cartaz

A exposição e demais eventos seriam acompanhados de um catálogo na forma de um tablóide impresso em papel jornal, com duas cores e paginação dinâmica, para distribuição gratuita nos vários locais. Reuniria fotos, alguns textos básicos do tropicalismo e um outro, dos organizadores da mostra, bem como toda a programação.

Cogita-se, também, de reeditar os dois números de Arte em Revista dedicados a 68 e à marginália artística.

- 10 - Os custos das exposição e demais eventos, estão orçado em Cz\$1.550.000,00 (hum milhão e quinhentos e cinquenta mil cruzados), cobrindo os tópicos: catálogo, cartaz, transporte de obras, seguro, montagem, documentação, equipamento, honorário de sub-curadores, técnicos, pessoal, além de convites, correios etc.
- 11 - Uma programação mais detalhada, com cronograma de execução dos eventos pelos vários setores envolvidos no projeto, seria apresentada dentro de uma semana. De qualquer maneira, a partir de terça-feira, dia 7 de junho, seriam realizadas reuniões semanais dos curadores e sub-curadores na sede da Fundação Rio, no Cosme Velho.

Rio de Janeiro, 02 de junho de 1988

Frederico Morais, diretor da Escola de Artes Visuais